

COPIA
 Exposição de obras de arte: estes termos iluminam todo um aspecto da situação que nos cerca. Estão confluindo sobre São Paulo, de todos os cantos da Terra, "obras de arte" para serem "expostas". A Cidade, o Estado, e a Federação prestigiam o acontecimento, cuja importância "cultural" não pode ser subestimada, para recorrermos a um jargão apropriado). Os governos do Ghana e da Albânia, (ou seus equivalentes), financiam o transporte de quadros, estátuas, artistas criadores, diplomatas, e suas respectivas esposas, para poderem ser admirados no Ibirapuera. Uma densa rede de correspondência foi lançada sobre o globo, afim de prender nas suas malhas um número impressionante de críticos de arte, conferencistas e intelectuais e despojá-los sobre São Paulo. O que é isto que está acontecendo? Teremos, certamente, toda uma série de artigos neste "Suplemento", cuja finalidade será a de explicar criticamente vários aspectos do espectáculo ao qual estaremos expostos. O propósito do presente artigo é outro. É a tentativa de apreciar o fenómeno da Bienal no conjunto da civilização da qual participamos.

Pintores laocianos, escultores afgãos e críticos congolezes às margens do Tietê não são, obviamente, motivo de surpresa, mormente se considerarmos que todos estes aparentes exotas descendem, mais ou menos diretamente, da "rive gauche" parisiense. Anquadrando-se esses migrantes na correnteza cinzenta que pulsa febrilmente nos transatlânticos e aviões para transformar a outrora variedade das culturas na uniformidade enfadonha que caracteriza a nossa civilização atualmente. São equivalentes a visita do Sá da Persia a São Salvador, e do Sultão da Zanzibar a Memphis, Tennessee, para estreitar os laços culturais que unem essas sociedades. Graças a esse movimento de intercâmbio cultural foi alcançado um estágio de desenvolvimento, no qual todas viagens se tornaram perfeitamente dispensáveis. Sabemos que encontraremos, se formos a Singapura, exatamente os mesmos hotéis, os mesmos pratos, as mesmas fitas de cinema, e os mesmos quadros e estátuas que encontramos em Indanongababa. Não devemos, portanto, esperar que a multiplicidade dos países representados se reflita na variedade das obras expostas no Ibirapuera.

Qual é portanto o motivo desse esforço? Creio que uma análise dos termos "obra de arte" e "exposição" revelará o motivo. Fasse a considerar o significado do termo "obra de arte". É um termo estritamente moderno e não deveria ser aplicado, a rigor, a nenhum objeto anterior ao Renascimento. Definamos como "obra" qualquer objeto da natureza transformado pela manipulação humana. E definamos como "obra de arte" qualquer objeto da natureza transformado pela manipulação que visa um determinado fim, vagamente conhecido por "o belo". Aceitas essas definições, podemos dizer que nenhuma manipulação humana visava "o belo" antes do Renascimento europeu, e que portanto não havia obras de arte. É verdade que se formos a definir "obra de arte" como um objeto da natureza manipulado de acordo com regras estéticas, não poderemos manter a posição assumida. Mas, se formos a aplicar esta definição, toda e qualquer obra humana antes do Renascimento seria "obra de arte". Toda atividade manipuladora humana antes do Renascimento obedecia a regras estéticas e resultava em obras belas. O termo "arte", ("techné") significava apenas "saber fazer", ("know-how"), e é neste sentido que o empregamos ainda em expressões como "arte culinária", "arte de guerra", ou uma ponte como obra de arte. No Renascimento processou-se uma mudança. Era uma mudança de atitude do homem

perante a natureza. - natureza era concebida como "coisa extensa", manipulável pelas mãos da "coisa pensante". Essas regras, que se assemelham às regras da matemática e tendem para elas, resultam, quando aplicadas, em obras "feias". A transformação da natureza pela coisa pensante resulta, pela primeira vez na história, em fealdade. Essa transformação se chama "ciência aplicada" ou "tecnologia", (que é um uso correto, mas curioso, do termo "techné"). A consequência disto é a aglomeração progressiva de objetos feios a cercarem a humanidade, e cujos monumentos mais impressionantes são as cidades do século 19. As obras de arte como obras visando o belo surgiram como tentativas de eulibrar essa onda de feio. Neste sentido é a arte uma manifestação moderna das atividades humanas, e é o lado avesso da ciência aplicada.

A bifurcação da atividade manipuladora em "técnica" e "arte", e a diferença consequente entre "instrumento" e "obra de arte", é um sintoma da nossa cultura. A máscara polinésia e o livro gótico não permitem que essa diferença seja feita. É portanto inconcebível que se tenham feito "exposições" dessas obras. Imaginar que esquimós organizem uma exposição de harpunas, ou mouros uma exposição de manuscritos, é falsificar o contexto no qual essas obras surgiram. Mas nós organizamos efetivamente exposições desse tipo, e a última Bienal continha uma exposição da "arte" pré-colombiana. - apenas poucos passos no pavilhão da exposição distanciaram esses objetos dos quadros concreto e das esculturas "pop_art". Quem deu esses passos, sofreu um choque. A força que se articulava nessas obras indígenas agia como corrosivo, se aplicada às nossas obras de arte. As nossas obras simplesmente se dissolveram. Essa experiência explica talvez porque exposições são feitas.

Exposições são lugares, nos quais artistas expõem obras ao público, e nos quais o público é exposto a essas obras. Nas exposições pequenas que pululam pela cidade o público consiste de amigos dos artistas, e de visitantes ocasionais que para lá penetram inadvertidamente. Os artistas e seus amigos formam círculos herméticos, usam linguagem esotérica, e desprezam a plebe. Os visitantes ocasionais sofrem o impacto do mistério, procuram debalde decifrar a linguagem esotérica, e voltam a olhar a verdadeira arte da atualidade, que são a televisão, as revistas ilustradas e o cinema. Essas exposições são provas existenciais do vanguardismo da arte consciente de si mesma, isto é do seu isolamento. Mas a Bienal é um caso diferente. Ônibus e lotações levam as massas famintas de sensações, guardas regulam e trânsito, e formam-se filas. O público acorre. É óbvio que a propaganda oficial, os amendoins e coca-colas, os encontros com namorados e o tédio dos domingos explicam, em parte, o fenômeno descrito. Mas os quadros e as estátuas têm também a sua função, embora talvez restrita. Afinal, já que o público acorre, não custa dar uma olhada. - combinação de ignorância e superioridade "blasée" caracteriza o encontro do público com as obras.

A exposição é feita para diminuir a ignorância, e aumentar a superioridade "blasée", e, com efeito, o número das Bienais realizadas está diretamente proporcionado com o índice dessa superioridade. - ignorância e sofisticação do público me recem um instante de medição para ser avaliada. - ignorância pode assim ser formulada: "Essas obras todas não me dizem respeito, já que não se referem a minha circunstancia corriqueira. Ademais, procuram causar a impressão que não as compreendo. Mas eu não me deixo fazer de bobo". - sofisticação pode assim ser formulada: "Já conheço de cor todas as as tentativas de alcançar originalidade. Tudo

isto não passa de divertimento. Mas é sinal de educação a gente fazer de conta com a Companhia com interesse a evolução dessas tentativas". Estas duas reações são consequência do papel que a arte ocupa na cena da atualidade: um papel marginal a contrabalançar a fealdade dos instrumentos. As Bienais, (e exposições semelhantes), são organizadas para suprimir a primeira reação e salientar a segunda. O comportamento do público atesta o êxito alcançado.

Disse que a exposição da arte índia na última Bienal poderá talvez explicar o motivo de todas as exposições de arte. Agora afirmo que esse motivo é a transformação da ignorância do público em enfado. Parece que há contradição nessas duas afirmativas. Mas a contemplação das obras índias revela, por contraste, a bifurcação da atividade manipuladora moderna, e a consequente inautenticidade tanto dos nossos instrumentos, como das nossas obras de arte. As Bienais, ao educarem o público para a atitude "blasée", contribuem poderosamente para a compreensão dessa inautenticidade, e talvez com isto para a superação da bifurcação que lhe é causa. Reformulé portanto o motivo das Bienais: expõem elas obras de arte no significado moderno do termo, para demonstrar que essas obras são o lado avesso da técnica, e que serão significativas apenas quando estiver novamente unificada a atividade manipuladora do homem. Expõem elas obras de arte "primitiva", para demonstrar como essa atividade unificada funcionava outrora.

É provável que esse motivo das exposições não seja inteiramente consciente para os seus organizadores. Mas é, com efeito, esta superação da bifurcação que justifica as Bienais e forma um dos sintomas da superação da Idade Moderna. As gravatas com motivos abstratos, as latas de sardinha com linhas à la Moore, os anúncios de dentífricos bienaleacos, estes são os resultados palpáveis. Graças a essa invasão da arte na área da tecnologia somos uma geração que começa a adquirir um estilo. O primeiro estilo verdadeiro depois do gótico, com efeito. Os instrumentos que nos cercam começam a adquirir novamente essa qualidade elusiva chamada "o belo".

A arte no significado moderno do termo pode ser superada pelo enfado "blasé" que as exposições provocam. Mas essa superação é possível somente, porque as obras de arte expostas articulam um senso estético que nos dá respeito. Os milhares de metros quadrados nas paredes da Bienal não permitem, obviamente, que nos aprofundemos nas "mensagens" de um artista individual, (se é que essas mensagens existem). Mas a impressão global que essas paredes causam é a de um impacto do novo senso do belo. É esta a atração que a Bienal exerce sobre as nossas mentes. Estamos sendo mergulhados em mundo de formas e cores que exprime um aspecto da nossa realidade. Com efeito: o pavilhão no Birapuera representa, de certa maneira, muito mais imediatamente o nosso mundo que as fábricas e os automóveis. É por isto que as fábricas e os automóveis se adaptam, progressivamente, ao pavilhão no Birapuera. Foi para isto que o pavilhão foi construído. Em resumo: a exposição de quadros e esculturas, se tomada como tal, é um aglomerado marginal de obras. Mas se tomada como conjunto de modelos para a atividade manipuladora futura, pode ser ela um berço de uma nova civilização a articular um novo senso de realidade.

Disse que a arte verdadeira da nossa época são as revistas ilustradas, as fitas de Hollywood, e os programas de televisão e radionovelas. A qualidade estética dessas obras de arte é repulsiva, porque essas obras visam superar a fealdade e pro-

fanidade do mundo da técnica pelo entorpecimento do nesse senso do belo. As Bi-
ensais COPIA gares nos quais esse senso é novamente provocado. São lugares nos
quais nos é lembrado o fato fundamental que a atividade manipuladora humana resul-
ta em beleza, a não ser que essa atividade seja desvirtuada por uma atitude pré-
concebida. A verdade que as paredes da Bienal ainda ostentam objetos "modernos",
no sentido de "objetos manipulados com atitude pré-concebida". Mas não é menos
verdade que a partir desses objetos espalha-se uma influência sobre a nossa situ-
ação que tende a superar a fealdade dos instrumentos e liquidar com a arte das re-
vistas ilustradas. Neste sentido são os pintores e escultores que expõem na Bie-
nal os modeladores do futuro.

Obras como as pré-colombianas são resultado de uma maneira fixa do homem afirmar-
se. Foram realizadas de acordo com "projetos" fornecidos por uma cultura. As ob-
ras expostas na Bienal não foram projetadas de uma forma tão tradicional e fixa.

Pelo contrário, evidenciam tendências fluidas e rapidamente superadas. A fluidez
das tendências artísticas está relacionada com a sofisticação "blasée" do público
que aprecia, e, em última análise, financia os artistas. Essa massa faminta de
novidades exige que lhe sejam fornecidas sempre coisas novas, e os artistas, em-
bora vanguardistas, não conseguem acompanhar com suficiente rapidez o "progresso"
dessa massa. Mas, pairando por cima dessas tendências fugazes todas, podemos sen-
tir o aroma de um novo "projeto". De toda essa superabundância de formas estão se
cristalizando algumas a servirem à articulação de uma civilização "in statu nascen-
di". Este aroma inebriante que faz com que, a despeito de tudo, a Bienal seja
vivenciada como uma das nossas aberturas para o futuro.